

O Desempenho de Estudantes Brasileiros no Ensino Superior Público Português

Ariana da Silga Gregório Mota Tiago

Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação

Março 2016

O Desempenho de Estudantes Brasileiros no Ensino Superior Público Português

Ariana da Silva Gregório Mota tiago

Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação

Março 2016

Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à
obtenção do grau de Mestre em Ciências da Educação, realizada sob a
orientação científica de Professora Doutora Maria do Carmo Vieira da Silva

Dedico esta dissertação primeiramente a Deus, o que seria de mim sem a fé que eu tenho Nele. Aos meus pais e ao meu marido que não mediram esforços para que eu chegasse até esta etapa da minha vida.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus por ter me dado o dom da vida e sempre está comigo ao longo dessa caminhada. Obrigada meu Deus por ter me dado ânimo, saúde e força para superar as dificuldades e sempre se fazer presente em minha vida de várias formas. Obrigada Senhor!

Aos meus pais, Carlos Gregório e Rozana Gregório, por sempre acreditarem nas minhas capacidades, por não medirem esforços para me ajudar ao longo de toda minha vida e por sempre me darem forças mesmo nas situações mais adversas. A vocês todo meu agradecimento e amor incondicional! Amo muito vocês!

Ao meu marido, Cristiano Tiago, por estar sempre ao meu lado durante todos esses anos de companheirismo, pela amizade, pelo amor e por tudo que representa na minha vida, sem dúvidas você é minha alma gêmea meu amor! Obrigada por me ajudar a ser uma pessoa melhor dia após dia, obrigada por me ensinar várias formas de amor e obrigada por tudo que tem feito por nós. A você todo meu amor para o resto de nossas vidas!

Ao meu filho, José Rafael, que mesmo ainda estando no meu ventre me transmite uma força incomparável e um amor imensurável e indescritível. Eu te amo com todas as minhas forças meu filho! Você chegou no momento certo e tornou minha vida mais doce e colorida. Obrigada por existir e me fazer a mulher mais feliz do mundo.

À toda minha família que mesmo estando do outro lado do oceano me transmite forças e energias para continuar seguindo em frente. Em especial, ao meu irmão Ricardo e meu sobrinho Carlos Arthur que tanto alegram meus dias e me dão forças através de mensagens e fotos que demonstram tanto amor. Amo vocês!

À minha orientadora Professora Doutora Maria do Carmo pelo suporte, pelas correções e sugestões, pelo incentivo e pela compreensão. Obrigada por sempre estar disponível, pelo profissionalismo e pelo carinho com que sempre trata seus alunos. Obrigada por compreender minhas dificuldades e minhas limitações e por me fazer enxergar que sou capaz. Enfim, obrigada por tudo, professora!

Aos meus colegas de sala por me acolherem tão bem, mesmo eu não sendo uma colega tão presente quanto gostaria. Em especial, à Naira Tourinho que que se tornou uma amiga e nos momentos em que eu pensei em desistir me transmitia uma força incomum que só ela tem. Obrigada pela força, pelas críticas construtivas e por sempre ter uma palavra de apoio e incentivo quando eu mais precisei. Todo sucesso do mundo para você amiga porque você é merecedora disso! Torço muito por você!

A todos os meus amigos pela força e incentivo de sempre. Em especial, à Telma Ramos que sempre me incentiva e me ajuda nas minhas dificuldades e limitações com Língua Inglesa. Obrigada Telma!

Enfim, agradeço a todos que direta ou indiretamente fizeram parte de alguma etapa da minha formação.

Muito obrigada a todos!

**O DESEMPENHO ESCOLAR DE ESTUDANTES BRASILEIROS NO ENSINO SUPERIOR
PÚBLICO PORTUGUÊS**

ARIANA DA SILVA GREGÓRIO MOTA TIAGO

RESUMO

O desempenho escolar dos estudantes brasileiros nas universidades públicas portuguesas pode ser influenciado por diversos fatores internos ou externos à instituição escolar na qual se encontram, possibilitando um bom ou mau desempenho destes alunos. O presente estudo teve como objetivo crucial conhecer o processo deste mesmo desempenho escolar destes estudantes brasileiros, maioritariamente na Universidade Nova de Lisboa, porém, não se restringindo apenas a esta. Para isso, esta pesquisa assenta em três pilares fundamentais para o seu desenvolvimento e que são: linguagem, construção de identidade e diferenças socioculturais. Assim, foi realizado um inquérito endereçado aos estudantes brasileiros de universidades públicas portuguesas que aceitaram participar voluntariamente nesta pesquisa, por meio eletrônico mediante as respostas do respectivo inquérito *online*. De um modo geral, a recolha de dados permitiu obter resultados positivos e satisfatórios tanto para os participantes envolvidos como para o atual contexto universitário português.

PALAVRAS-CHAVE: linguagem, estudante brasileiro, desempenho, desempenho escolar, construção da identidade.

THE ACADEMIC PERFORMANCE OF BRAZILIAN STUDENTS IN PUBLIC PORTUGUESE HIGHER EDUCATION

ARIANA DA SILVA GREGÓRIO MOTA TIAGO

ABSTRACT

The academic performance of Brazilian students in public Portuguese universities can be influenced by several factors unrelated to or directly associated with the educational institution where they are enrolled, thus enabling a good or bad performance from these students. The crucial aim of this study was to get to know this academic performance's process of these Brazilian students mainly in, but not limited to, the Universidade Nova de Lisboa. To that end, this research is based on three principles fundamental for its development, which are: language, identity development and sociocultural differences. Therefore, it was conducted a survey addressed to Brazilian students attending Portuguese public universities, who accepted to voluntarily take part in the survey. In the aforementioned survey, the data collection was made digitally though the answers presented to the online survey questions. Gennerally speaking, the data colletion allowed to obtain positive and satisfactory results for both the involved participants and the current portuguese university context.

KEY WORDS: language, Brazilian student, performance, academic performance, identity development.

ÍNDICE

Introdução.....	14
Apresentação da pesquisa.....	13
Problema e objetivo.....	15
Estrutura da pesquisa.....	16
Capítulo I – Breve abordagem sobre desempenho, desempenho escolar, construção da identidade e diferenças.....	18
I. 1. Desempenho: distinção entre desempenho e desempenho escolar.....	18
I. 2. Construção da identidade: a importância da construção da identidade no contexto escolar	20
I. 3. Diferenças socioculturais: a relevância da diversidade cultural no cotidiano escolar	23
Capítulo II – Língua e linguagem: diferenças entre o português do Brasil e o português de Portugal	26
II. 1. Língua e linguagem: breve abordagem sobre as duas variantes da língua portuguesa no Brasil e em Portugal.....	26
II. 2. Léxico: variações lexicais entre Brasil e Portugal	28
II.3. Tempo verbal: gerúndio vs. Infinitivo	30
Capítulo III – Estudo empírico	32
III.1. Metodologia.....	32
III.2. Limitações da pesquisa.....	33
III.3. Participantes.....	34
III.4. Instrumentos e procedimentos.....	35
III.5. Análise e discussão dos resultados.....	36

Capítulo IV – Conclusões e recomendações	54
Lista de Abreviaturas.....	09
Lista de Tabelas.....	10
Lista de Figuras.....	11
Anexos	61
Anexo I.....	61
Anexo II.....	66

LISTA DE ABREVIATURAS

Enem – Exame Nacional do Ensino Médio

SEF – Serviço de Estrangeiros e Fronteiras

GEPE – Gabinetes de Estudos, Planejamento e Formação

ONU – Organização das Nações Unidas

CPLP – Comunidade dos Países de Língua Portuguesa

FCSH – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Caracterização dos participantes	35
Tabela 2 – Diferenças lexicais	38
Tabela 3 – Método de estudo	40
Tabela 4 – Reprovações e provas de recurso	42
Tabela 5 – Relacionamento com os professores	44
Tabela 6 – Relacionamento com os colegas de turma	48

LISTA DE FIGURAS

Gráfico 1 – Aceitação da escrita brasileira	38
Gráfico 2 – Influência do relacionamento familiar no desempenho escolar	40
Gráfico 3 – Suficiência da base de conhecimentos adquirida no Brasil	44
Gráfico 4 – Influência da adaptação no desempenho escolar	47
Gráfico 5 – Influência das diferenças culturais entre Brasil e Portugal	50

INTRODUÇÃO

De acordo¹ com a Organização das Nações Unidas (ONU, 2012), as migrações internacionais têm aumentado a cada ano e têm mantido um lugar de grande evidência a nível mundial. Em Portugal o número de brasileiros é muito vasto, mas isso já ocorre desde a década de 1980. Segundo Bogus (1997), a migração brasileira na década de 1980 ocorreu na grande maioria por fatores históricos, laços culturais e grau de parentesco, ainda derivado da “migração colonizadora” com fluxos provindo de Portugal, Espanha, Itália e Alemanha. Correlacionado aos traços culturais, a entrada de Portugal na Comunidade Económica Europeia (atual União Europeia) também foi um fator responsável por atrair imigrantes brasileiros de diferentes idades, sexos e níveis de escolaridade a Portugal.

Conforme o relatório estatístico anual do Serviço de Serviço de Estrangeiros e fronteiras - GEPF/SEF (2014)²- em 2014 o número de brasileiros em Portugal, com título de residência válido, era 87.493. Esse número implica dizer que, apesar de o número de imigrantes brasileiros ter diminuído nos últimos anos em decorrência da crise europeia, os brasileiros continuam liderando o número de migrações em Portugal, ou seja, a comunidade brasileira mantém-se como principal comunidade estrangeira residente no país.

Porém, muitos dos brasileiros não vêm a Portugal com intuito de morar definitivamente no país, mas sim à procura de qualificação profissional, ou seja, à procura de um diferencial em seus currículos acadêmicos. De acordo com o Consulado Geral de Portugal situado em São Paulo os vários acordos e tratados entre Brasil e Portugal facilitam e impulsionam a vinda de brasileiros para as universidades públicas portuguesas. São muitos os acordos entre os dois países-irmãos e várias universidades

¹ O presente trabalho é escrito em português do Brasil e em conformidade com o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990 - em utilização desde 2009 e obrigatório desde 01 de janeiro de 2016.

² Relatório de Migração de Fronteiras e Asilo do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras publicado em 2014 e disponível para o público em geral em: http://sefstat.sef.pt/Docs/Rifa_2014.pdf

públicas portuguesas já aceitam o Exame Nacional de Ensino Médio (Enem)³ como meio de ingresso de estudantes brasileiros, facilitando, assim, um pouco do procedimento burocrático que geralmente envolve esses processos.

Apresentação da pesquisa

Nesse intuito a presente pesquisa visa focar no desempenho escolar dos estudantes brasileiros nas universidades públicas portuguesas, com ênfase na Universidade Nova de Lisboa, mas não se restringindo à mesma. É importante salientar que o estudo se refere ao ensino superior em geral, porém se focará mais especificamente, nos cursos de mestrados. Contudo, não se exclui a participação de alunos de outros níveis na resposta ao inquérito *online* que usamos para levantamento de dados e conclusão da respectiva pesquisa.

A motivação para esta pesquisa partiu do grande cenário multicultural que se vive atualmente em Portugal. A diversidade cultural em que se encontra o contexto universitário português e o grande número de brasileiros nas universidades públicas portuguesas, foram pontos substanciais que despertaram interesse para o desempenho escolar desses alunos brasileiros no ensino superior público português.

São muitos os fatores que podem influenciar no desempenho escolar de um aluno, pode ser fatores internos ao ambiente escolar no qual se encontre como por exemplo, infraestrutura, corpo docente ou o próprio funcionamento da escola em si. Para Gil (2011), a motivação do professor favorece o aprendizado do aluno, independentemente do nível escolar que este se encontre, ou seja, para o referido autor mesmo que a escola tenha uma excelente infraestrutura, bem como um corpo docente qualificado não se obterá bons resultados se o aluno não for motivado na busca pelo conhecimento. A motivação do aluno é um determinante essencial para o êxito da aprendizagem e consequentemente para o sucesso no desempenho escolar. Desta maneira, uma junção

³ O Enem foi criado em 1998 com o objetivo de diagnosticar a qualidade do ensino médio no ensino secundário brasileiro. Em 2009, o exame passou a ser utilizado para seleção de ingresso nos cursos superiores de faculdades e universidades federais no país. (Fonte: Ministério da Educação (MEC), portal Enem).

de vários fatores entre professores e alunos resultaria em um melhor desempenho escolar.

Para Gil (2011), uma das principais questões envolvendo o professor no desempenho escolar do aluno está na relação ensino e aprendizagem, em virtude disso Gil (2011, p.6) afirma que “há professores que vêem o aluno como principal agente do processo educativo. Preocupam-se em identificar suas aptidões, necessidades e interesses com vistas a auxiliá-los na coleta das informações de que necessitam no desenvolvimento de novas habilidades, na modificação de atitudes e comportamentos e na busca de novos significados nas pessoas, nas coisas e nos fatos.”

Em relação aos fatores externos, como por exemplo o meio social no qual este estudante está inserido ou o ambiente familiar, Soares (2004, p.76) refere que “são tantos os fatores escolares associados ao desempenho dos alunos que nenhum deles é capaz de garantir, isoladamente, bons resultados escolares. ” Ou seja, a escola, o professor, o aluno e o ambiente em que este vive, podem influenciar positivamente ou negativamente no seu desempenho escolar.

A organização da instituição escolar em si também é uma condição importante para o desempenho escolar; nesse contexto Waiselfisz (2000, p.61) afirma que “a existência de projeto pedagógico da escola e a participação dos diversos setores da comunidade escolar em sua formulação aparecem como elementos que contribuem significativamente para o desempenho do aluno.”

Ante o exposto, diante do elevado número de brasileiros em Portugal, das diferenças socioculturais, com outra variante linguística e face a um conjunto de aspectos que influenciam o desempenho escolar de um aluno, o presente trabalho tem a finalidade de enfatizar e efetuar a pesquisa referente ao tema proposto, com intuito que seja uma mais-valia tanto para o contexto universitário português como para os alunos que fazem parte do mesmo.

Nesse sentido, acreditamos que a presente pesquisa é uma mais-valia no sentido em que são levantadas questões no que diz respeito ao cotidiano escolar dos estudantes brasileiros nas universidades públicas portuguesas, o que é de grande relevância teórica e prática dentro do contexto universitário.

Problema e objetivo

Levando em consideração o deslocamento geográfico, o fato de estar em outro país, com uma variação linguística diferente e compartilhando de outras culturas, esta pesquisa pretende explicar sobre o desempenho escolar dos alunos brasileiros nas universidades públicas portuguesas.

Desse modo, visa-se compreender até que ponto as diferenças entre Brasil e Portugal podem influenciar no cotidiano escolar desses alunos. Considerando as duas variantes linguísticas do português falado nesses dois países, a pesquisa pretende inferir se essas variantes linguísticas exercem algum tipo de influência no desempenho escolar desses alunos. Outrossim, se os respectivos docentes aceitam a variante linguística brasileira nas universidades públicas portuguesas ou se há alguma restrição em relação à sua utilização.

Diante deste cenário, outro fator que a pesquisa leva em consideração para a análise do desempenho desses estudantes é a construção da identidade. Nesse sentido, serão explicitados pontos pertinentes relativamente a construção da identidade, sua relação com o cotidiano escolar e, conseqüentemente, sua influência no desempenho desses estudantes.

Em síntese, a formulação do problema da presente pesquisa está baseada nesses três aspectos cruciais: linguagem, construção de identidade e diferenças socioculturais. Face ao exposto e ante ao multiculturalismo que se vive atualmente em Portugal e conseqüentemente nas universidades portuguesas, a pesquisa buscou responder às seguintes questões:

- Os estudantes brasileiros no ensino superior público português têm um bom desempenho escolar?
- Existem diferenças no desempenho destes alunos?
- Quais motivos contribuem para estas diferenças, caso elas existam?

Com base nos resultados obtidos, iremos também aferir como se dá a relação de ensino-aprendizagem desses alunos, levando em consideração as suas particularidades linguísticas.

Para responder às seguintes questões, foi definido como objetivo fundamental e geral, com base nas considerações feitas até ao momento, através desses três pilares - linguagem, construção de identidade e diferenças socioculturais - fazer uma análise do desempenho escolar dos estudantes brasileiros nas universidades públicas portuguesas, focando principalmente na Universidade Nova de Lisboa. No entanto, também foram coletados dados de alunos de outras universidades públicas portuguesas, por meio do inquérito *online* que serviu de referência para as coletas de dados necessários para análise e resultados da respectiva pesquisa.

Estrutura da pesquisa

A pesquisa está organizada em quatro capítulos. No capítulo 1 foi feita uma breve abordagem sobre desempenho, desempenho escolar, construção da identidade e diferenças socioculturais. Este capítulo faz parte da fundamentação teórica e para melhor compreensão está dividido em três partes. A primeira parte está direcionada ao desempenho e faz a distinção entre desempenho e desempenho escolar; também foi explanado alguns fatores que o influenciam no desempenho escolar. A segunda parte apresenta a construção da identidade e a sua influência no contexto escolar, esta questão se faz necessária para compreender a importância da construção da identidade no sucesso escolar. A terceira e última parte do capítulo 1 faz referência às diferenças socioculturais, visando a relevância da diversidade cultural no cotidiano escolar.

O capítulo 2 consiste na continuação da fundamentação teórica onde foi abordada a questão da língua e da linguagem, visando as diferenças que existem entre o português de Portugal e o português do Brasil. Este capítulo também está dividido em três partes, a primeira evidencia a língua e a linguagem fazendo uma breve abordagem sobre as duas variantes da língua portuguesa falada no Brasil e em Portugal. A segunda parte está direcionada ao léxico e às variações lexicais existentes entre Brasil e Portugal. Finalizando este capítulo, a terceira parte apresenta a questão do tempo verbal, nomeadamente gerúndio e infinitivo. Esta questão é significativa para compreender melhor a forma nominal dos verbos utilizada no Brasil e em Portugal, conseqüentemente entender até que ponto este fator pode influenciar no desempenho escolar.

O capítulo 3 refere-se ao estudo empírico da pesquisa e é composto por 5 partes. A primeira parte apresenta a metodologia que foi utilizada na pesquisa. A segunda parte reporta as limitações da pesquisa, fazendo menção às dificuldades que foram encontradas para a realização da mesma. A terceira parte está direcionada para os participantes e retrata a caracterização dos mesmos. A quarta parte aborda os instrumentos e procedimentos utilizados na pesquisa que são constituídos de levantamento bibliográfico e a aplicação de um questionário *online* direcionado ao público-alvo. A quinta e última parte consiste na análise e discussão dos resultados obtidos na pesquisa, expondo os resultados em gráficos e tabelas e fazendo a análise dos mesmos.

No capítulo 4 serão apresentadas as conclusões da pesquisa, assim como as respectivas recomendações, evidenciando os resultados obtidos de acordo com os objetivos propostos. Em seguida, é apresentada a bibliografia com os respectivos autores que nortearam a pesquisa e, por fim, os anexos onde constam o questionário que foi aplicado aos participantes e um exemplar do mesmo devidamente preenchido.

Neste cenário, a pesquisa buscou explorar a realidade escolar dos estudantes brasileiros no contexto universitário público português, maioritariamente na Universidade Nova de Lisboa. Através do inquérito *online* aplicado ao público, levando em consideração os objetivos propostos, esta pesquisa alcançou os resultados pretendidos.

Assim, no final da pesquisa constatou-se que são vários os fatores que influenciam no desempenho escolar desses alunos; porém, o mesmo é maioritariamente positivo. Importa salientar que esta pesquisa não permite uma generalização ao ensino universitário público português, visto que a maioria dos estudantes que responderam ao questionário pertence à Universidade Nova de Lisboa e apenas 3 alunos pertencem a outras universidades públicas portuguesas.

CAPÍTULO I – BREVE ABORDAGEM SOBRE DESEMPENHO, DESEMPENHO ESCOLAR, CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE E DIFERENÇAS SOCIOCULTURAIS

Introdução

Inicialmente, para que se tenha uma melhor percepção do cenário desta pesquisa, discorreremos brevemente sobre alguns termos que constituem o seu embasamento teórico. Estes quatro fatores - desempenho, desempenho escolar, construção da identidade e diferenças socioculturais - são pilares fundamentais que norteiam esta pesquisa, o que conduz à necessidade de explicar acerca de cada um deles.

Tal explanação é necessária para se ter uma melhor percepção sobre a relação desses termos com desempenho escolar dos estudantes brasileiros no ensino superior público português, bem como com as possíveis implicações no contexto escolar desses alunos.

Assim, este capítulo apresenta-se como relevante para uma melhor compreensão da pesquisa na íntegra, bem como de todos os fatores que serão relatados no decorrer da mesma.

I.1. Desempenho: distinção entre desempenho e desempenho escolar

A palavra “desempenho” abrange diversos significados de acordo com o contexto no qual está inserida. Para perceber melhor o significado desta palavra em diferentes áreas, bem como diferenciá-la de “desempenho escolar”, visto que ambos têm sentidos diferentes, sentimos a necessidade de esclarecer melhor a importância dessas palavras para o presente tema.

De acordo com o dicionário Michaelis (2002, p. 246) no contexto geral, a palavra “desempenho” significa: “1. Ação ou efeito de desempenhar. 2. Resgate do que estava empenhado. 3. Cumprimento de obrigação ou promessa. 4. Qualidade da representação ou interpretação de um artista. 5. Rendimento total que, juntamente com a facilidade de utilização, constitui um dos principais fatores determinantes da produtividade dos componentes físicos e do logicial de um sistema de computação. ”

Já o dicionário Aurélio (2004, p. 641) descreve “desempenho” da seguinte maneira: “1. Ato ou efeito de desempenhar(-se). 2. Execução de um trabalho, atividade, empreendimento, etc., que exige competência e/ou eficiência. 3. Conjunto de características ou de possibilidades de atuação de máquina, moto ou veículo (terrestre,

aéreo ou marítimo), tais como velocidade, capacidade de carga, agilidade, autonomia de movimentos, rendimento, etc. 4. Atuação, comportamento. ”

Levando em consideração os vários significados da palavra “desempenho” de acordo com os dicionários podemos perceber que esta palavra tem diferentes significados dependendo do contexto em que é inserida. Por exemplo, no contexto artístico o desempenho estaria ligado diretamente a interpretação/performance em que um determinado artista expressa a sua arte, seja ela qual for. Já num contexto empresarial o desempenho está voltado para a sua competência e autonomia em realizar otimamente o seu trabalho dentro de uma determinada empresa.

Abordamos um pouco do desempenho em áreas profissionais em geral, mas tentamos ser mais explícitos quanto a visão do desempenho na sociologia e na educação, duas áreas que estão interligadas e onde o “desempenho” tem um papel semelhante e fundamental para o âmbito escolar e para o desenvolvimento do próprio aluno, bem como para a sua construção de identidade, que abordaremos à frente.

Segundo Barbosa (1991), o desempenho na sociologia está ligado a fatores sociais e individuais que interferem diretamente no desempenho escolar do aluno, isto implica dizer que existe uma relação direta entre o desempenho escolar e a situação social dos alunos. Assim sendo, a família (partindo de uma perspectiva da dimensão familiar e vendo a família como um capital social) e o meio social em que o aluno está inserido também são vistos como fatores de desempenho. Partindo deste princípio podemos também acrescentar outras variáveis que estão interligadas e direta ou indiretamente influenciam no desempenho como, por exemplo, a condição física dos alunos, gênero e cor, são dados que podem ser analisados como variáveis individuais de cada aluno e podem ser conjugados com o desempenho.

Ainda de acordo com Barbosa (1991), outro fator que também pode influenciar no desempenho do aluno é a entidade escolar e o próprio professor. A postura do professor e as suas características em si podem influenciar diretamente no desempenho de seus alunos. A autora evidencia o quanto é significativo o contexto da sala de aula no desempenho dos alunos, levando em consideração fatores como o treinamento profissional e trabalho dos professores, como também as suas experiências, o seu estilo e os possíveis efeitos na sala de aula como variáveis explicativas para o desempenho

escolar dos alunos. Este é um dos pontos altos do livro em que a autora, sem desmerecer a importância de variáveis individuais e sociofamiliares, também atenta para o trabalho do docente e para o ambiente da sala de aula, partindo de práticas escolares que acabam por favorecer uma significativa igualdade de oportunidades que, consequentemente, influenciará no desempenho do aluno.

Nesse seguimento Gil (2011) refere que a motivação do aluno também é um fator importante na determinação do sucesso da aprendizagem escolar e, consequentemente, no desempenho escolar. Para o autor é importante que haja uma relação entre aluno, escola e família para que um bom desempenho seja alcançado. Para além disso, Gil (2011) também faz referência à motivação do professor que, segundo o autor, igualmente favorece o bom desempenho escolar.

Citamos, ainda, Santos (2003) que, fundamentada na teoria estruturalista de Basil Bernstein, explana sobre as pedagogias do desempenho onde menciona que as pedagogias baseadas no desempenho se baseiam no grupo social em que os alunos vivem e nas competências desses alunos, valorizando o produto da aprendizagem destes alunos e as habilidades específicas dos mesmos a serem desenvolvidas pela instituição escolar. Ou seja, valorizam as diferenças dos alunos sedimentando os resultados da aprendizagem que, consequentemente, influenciam no desempenho do aluno.

I.2. Construção da identidade: a importância da construção da identidade no contexto escolar

Um fator de elevada importância para o sucesso escolar do aluno é a construção da identidade. Nesse sentido, levando em consideração o novo contexto social do aluno brasileiro em Portugal, a construção da identidade deste aluno constitui um aspecto importante no desempenho escolar do mesmo.

Assim, em relação a identidade social, Cucho (1999, p.177) refere que “A identidade social de um indivíduo se caracteriza pelo conjunto de suas vinculações em um sistema social: vinculado a uma classe sexual, a uma classe de idade, a uma classe social, a uma

nação, etc. A identidade permite que o indivíduo se localize em um sistema social e seja localizado socialmente. ” Ou seja, o que Cuhe (1999) quis dizer em sua afirmação é que o processo de construção de identidade de um indivíduo está diretamente ligado à classe social à qual ele pertence e depois a fatores secundários como idade, gênero, etc.; em outras palavras, a construção da identidade é conseqüentemente o que possibilita o reconhecimento social do indivíduo.

Sobre a relação família, escola e construção da identidade, Lahire (1997) refere que existe uma complexidade nas relações estabelecidas com a instituição escolar, a família e o contexto no qual estão inseridas que representam o sucesso ou o fracasso escolar, bem como suas influências na construção da identidade do aluno. De acordo com o autor, mesmo que a família não tenha um nível cultural compatível com a escola, ainda é capaz de oferecer subsídios para o investimento do aluno contribuindo, deste modo, para o seu desempenho escolar e auxiliando no processo de construção de identidade.

Silva (2008) também refere o processo de construção de identidade, mencionando que a identidade pessoal está ligada ao fato de cada indivíduo ser único e diferente de todos os outros em decorrência de seu patrimônio genético, o que remete ao conceito de individualidade e de singularidade. Nesse intuito Silva (2008), de acordo com seu levantamento bibliográfico e baseada em Tap (1998), cita seis características que influenciam diretamente na construção da identidade; são elas: continuidade, coerência, unicidade, diversidade, autorrealização e autoestima.

Segundo Silva (2008, p.68), “ Tap (1998) define identidade pessoal como o conjunto das representações e dos sentimentos que uma pessoa desenvolve a propósito de si mesma. ” Ou seja, podemos depreender que a construção da identidade é um processo de construção progressivo que se inicia na infância e onde a família, nomeadamente os pais, tem um papel crucial no início desse processo que, por conseguinte, tem continuidade na escola e no meio social em que a criança está inserida. Nesse seguimento a autora afirma:

“Se a identidade pessoal se apoia na interiorização do social, também este se elabora por projeção dos atributos da individualidade no grupo. Toda a identidade se constrói e se define em relação a outras identidades, numa relação feita a um tempo de movimentos de assimilação (pelos quais o sujeito – individual ou coletivo – se torna

semelhante aos outros) e de movimentos de diferenciação (pelos quais ele afirma a sua originalidade face aos outros). Assim, os grupos sociais não existem nunca de maneira isolada, tecendo relações entre si, marcadas quer por traços positivos quer por negativos. ” (Silva, 2008, p.69)

Conforme supracitado, a autora relaciona a identidade pessoal à interiorização do social que se estrutura por meio de projeção da individualidade em um determinado grupo, ou seja, a construção da identidade não se estabelece só, mas é construída e definida correlacionada a outras identidades.

Nessa perspectiva, Woodward (2000) refere-se à identidade como adquirida através da linguagem e dos meios simbólicos. Destaca ainda a identidade como relacional, levando em consideração o fato de a sua definição ser reproduzida através da diferença e, consequentemente, pela exclusão.

Já Silva (2000) destaca a relevância do processo de produção discursiva e social da diferença e enfatiza que identidade e diferença são inseparáveis, interdependentes, mutuamente determinadas e têm como característica os resultados de atos de criação linguística, por esse motivo, ficam sujeitas às propriedades que caracterizam a linguagem; se “a linguagem vacila”, “a identidade e a diferença não podem deixar de ser marcadas, também, pela indeterminação e pela instabilidade” (Silva, p.80).

Hall (2000) centraliza o seu estudo na discussão da problemática da formação da identidade e da subjetividade. A identidade da pessoa é formada na interação entre o eu e a sociedade. Concordando com os outros dois autores, ele também leva em consideração que as identidades são construídas por meio da diferença e não fora dela. Assim, Hall (2000) considera as identidades como “pontos de apego temporário às posições-de-sujeito que as práticas discursivas constroem para nós” (p.12).

I.3. Diferenças socioculturais: a relevância da diversidade cultural e da interculturalidade no cotidiano escolar

Atualmente o contexto universitário português vivencia um ambiente culturalmente diversificado. Levando em consideração o elevado número de imigrantes brasileiros em

Portugal e, conseqüentemente, nas universidades portuguesas, esta pesquisa também considera pertinente explicar a importância da diversidade cultural no cotidiano escolar.

Para melhor compreensão da diversidade cultural na escola, primeiramente discorreremos brevemente sobre o conceito de cultura. Para tal, partiremos da perspectiva de Velho (1994):

“Hoje em dia cultura faz parte do vocabulário básico das ciências humanas e sociais. O seu emprego distingue-se em relação ao senso comum no sentido que este dá às noções de homem culto e inculto. Assim como todos os homens em princípio interagem socialmente, participam sempre de um conjunto de crenças, valores, visões de mundo, redes de significado que definem a própria natureza humana. Por outro lado, cultura é um conceito que só existe a partir da constatação da diferença entre nós e os outros.” (Velho, 2004, p.63)

De acordo com o autor, a cultura está relacionada com a interação social do homem que, por sua vez, pertence a um determinado meio social, a um conjunto de crenças, valores, ou seja, fatores que definem a natureza humana. Contudo, o autor ressalta que a cultura só passa a existir a partir do momento em que se testifica a diferença entre o nós e os outros. Nessa perspectiva, a cultura representa uma multiplicidade de costumes, práticas, concepções, atitudes, ou seja, múltiplos modos de vida que fazem parte da espécie humana.

No âmbito escolar, as diferenças socioculturais se tornam cada vez mais presentes. Diferentes grupos socioculturais conquistam cada vez mais espaços nas universidades e se manifestam de diferentes formas, conforme sua etnia, orientação sexual, religião e muitas outras diferenças socioculturais. Nesse sentido, a educação é um dos setores sociais onde as diferenças - cultural, física, social, de gênero, étnica, entre outras - têm maior repercussão. Assim, no meio escolar, conseqüentemente, evidenciam-se entre os alunos os preconceitos e as discriminações que são transportados na sociedade.

Partindo dessa perspectiva, Gohn (2002) refere aspectos importantes em relação às contribuições de Paulo Freire no panorama da multiculturalidade que se vivencia atualmente nas escolas:

“Nos anos 90, Freire destaca ainda mais a dimensão cultural nos processos de transformação social e o papel da cultura no ato educacional. Além de reforçar seus argumentos em defesa de uma educação libertadora que respeite a cultura e a experiência anterior dos educandos, Freire alerta para as múltiplas dimensões da cultura, principalmente a cultura midiática. Ele chama atenção para o fato de que ela poderá despertar-nos para alguns temas geradores que o próprio saber escolar ignora, ou valoriza pouco, como a pobreza, a violência, etc. Destaca também que a mídia trabalha e explora a sensibilidade das pessoas e por isso consegue atrair e monopolizar as atenções. Seus livros escritos nos anos 90 – de estilo mais literário – revelam um pensador preocupado com o futuro da sociedade em que vivemos, dado o crescimento da violência, da intolerância e das desigualdades socioeconômicas. Ele destacará a importância da ética e de uma cultura da diversidade. O tema da identidade cultural ganha relevância na obra de Freire, assim como o da interculturalidade.” (Gohn, 2002, p.67)

Face ao exposto pode-se considerar que, de acordo com Gohn (2002), Paulo Freire em 1990 já reconhecia a relevância da dimensão cultural para a educação. Ou seja, Paulo Freire reconhecia que o papel da cultura é fundamental no âmbito educacional e menciona aspectos importantes acerca da diversidade cultural e da interculturalidade que se pode constatar nas escolas nos dias atuais.

Segundo Cochito (2004, p.241), “a educação intercultural é a forma de abordar problemáticas educativas e pedagógicas de um ponto de vista que integra, por um lado, as mutações da sociedade atual, o eu e o outro, enquanto cidadão à escala internacional, e que integra as relações pessoais e interculturais em todos os domínios do conhecimento”. Ou seja, segundo o autor a educação intercultural não está associada à aquisição de conhecimentos vinculados especificamente à cultura de cada aluno, mas

consiste em uma forma de abordagem educacional que integra relações pessoais do eu e do outro em todos os domínios.

Nessa perspectiva, Peres (1999) expõe que aceitar o outro requer não somente um conhecimento intelectual acerca das diferentes culturas, mas também um conhecimento contextualizado ou até mesmo vivenciado da cultura do outro, de modo que haja um processo de integração e que este seja recíproco. Ou seja, para o autor a educação intercultural deve estabelecer requisitos que enquadrem o indivíduo no contexto social priorizando o respeito pela sua cultura e pela cultura do outro. Desse modo, serão proporcionadas interações culturais e conseqüentemente um enriquecimento cultural mútuo.

Nesse seguimento, tendo em vista a diversidade cultural, a interculturalidade e todo o cenário multicultural vivenciado no cotidiano das universidades portuguesas, as diferenças socioculturais representam um fator relevante em relação ao desempenho escolar dos estudantes brasileiros no ensino superior público português.

CAPÍTULO II – LÍNGUA E LINGUAGEM: DIFERENÇAS ENTRE O PORTUGUÊS DO BRASIL E O PORTUGUÊS DE PORTUGAL

Introdução

Neste capítulo serão abordadas questões linguísticas entre as duas variantes da língua portuguesa falada no Brasil e em Portugal. Nesse sentido, será apresentada uma breve abordagem sobre as duas variantes da língua portuguesa no Brasil e em Portugal. Dessa forma, também serão explicitadas particularidades linguísticas do português do Brasil e do português de Portugal com ênfase no léxico e no tempo verbal.

Nesse âmbito, a explanação da linguagem se torna pertinente para o contexto desta pesquisa no sentido em que este fator também serve de embasamento para a mesma e, como tal, também é importante para o desempenho escolar dos estudantes brasileiros no ensino superior público português.

II.1. Língua e linguagem: breve abordagem sobre as duas variantes da língua portuguesa no Brasil e em Portugal

Apesar de nos últimos anos a CPLP (Comunidade dos Países de Língua Portuguesa) ter lutado para tentar uniformizar a norma ortográfica portuguesa e criar uma ortografia única, é visível que Portugal e Brasil não seguem uma só ortografia, o que faz com que cada país tenha as suas particularidades linguísticas. Apesar de serem países lusófonos que têm como língua oficial o Português, não podemos deixar de lado as diferenças de linguagem que existe entre esses dois países e como essas diferenças podem influenciar no desenvolvimento escolar dos alunos.

As diferenças entre o português de Portugal e o português do Brasil vão além do léxico, passando por diferenças gramaticais, estilísticas, bem como fonológicas.

Embora a unicidade do português brasileiro em relação ao português europeu seja um assunto periodicamente retomado no Brasil, poucos estudos focam nesse contraste.

Alguns dados históricos sugerem que o português do Brasil poderá ter uma grande influência dos dialetos do norte de Portugal. De acordo com Florentino (2002):

“Os portugueses eram o grupo estrangeiro dominante no Rio de Janeiro. Em 1872, dois terços dos imigrantes do então Distrito Federal eram lusitanos, e o censo de 1890 mostrou que, além de constituírem a mais antiga comunidade estrangeira da cidade, mais da metade de seus membros chegara a apenas dez anos. Se no início do século XIX o Rio de Janeiro era, no dizer de Mary Karasch, uma cidade africana, em 1906 os portugueses constituíam a quinta parte da população carioca e 71% da população estrangeira da cidade. Em 1920, representavam 11% do total da população paulistana e 15% da carioca – juntas, estas cidades concentravam 51% dos nativos de Portugal residentes no Brasil e, considerada a população rural, os dois estados abrigavam 85% dos lusitanos do país. Esta tendência se incrementou até 1970. ” (Florentino & Machado, 2002, p.68)

Difere-se que apesar de o léxico brasileiro ser proveniente do léxico português, existe muitas particularidades entre as duas línguas que podem gerar alguns atritos e desentendimentos entre os falantes dessas duas variantes.

Nesse sentido, um ponto valioso para a corrente pesquisa é compreender a diferença de linguagem que há entre Portugal e Brasil.

Muito se ouve falar do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa⁴ que visa uma ortografia unificada entre os países lusófonos. Porém, é preciso deixar claro que, apesar de o Novo Acordo Ortográfico já ter se tornado obrigatório em Portugal e no Brasil, ambos os países continuam com as suas particularidades linguísticas o que se torna um pouco contraditório quando referimo-nos a uma escrita unificada.

De acordo com o Portal da Língua Portuguesa⁵ a língua portuguesa tem duas variantes: uma que tem vigência no Brasil e outra em Portugal e nos demais países

⁴ De acordo com o Portal da Língua Portuguesa o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa passou a ser obrigatório no Brasil desde 01 de janeiro de 2016 e em Portugal desde 01 de maio de 2015, sendo que o mesmo já estava sendo implementado desde 2009 em ambos os países.

⁵ O Portal da Língua Portuguesa é um repositório organizado de recursos linguísticos fiáveis onde disponibiliza todos os detalhes, modificações, regras, como também as legislações referentes ao Novo

lusófonos. Ainda tendo como referência o Portal da Língua Portuguesa, importa salientar que no Brasil a ortografia é regulamentada pelo Formulário ortográfico de 1943 e pela lei 5.765, de 18 de dezembro de 1971 que aprova outras alterações na língua portuguesa e dá outras providências.

Levando em consideração tais informações é importante compreender que as diferenças entre as duas escritas não são tão fundamentais a ponto de impedir a compreensão total de algum texto tanto em uma variante como na outra.

II.2. Léxico: variações lexicais entre Brasil e Portugal

Face ao exposto não podemos desconsiderar a importância das diferenças lexicais, o tempo verbal predominante em cada ortografia, bem como a forma das construções frásicas que tornam mais peculiares as particularidades de cada escrita.

Em relação ao léxico, de acordo com o dicionário Michaelis (2002), léxico é o conjunto das palavras que dispõe um idioma, ou seja, quando falamos em diferenças lexicais nos referimos ao vasto vocabulário existente em Portugal e no Brasil com muitas palavras diferentes para coisas que são exatamente as mesmas. No entanto, levando em consideração que o português do Brasil teve origem no português europeu, importa salientar que os dois países ainda compartilham de um vasto léxico em comum, proveniente dessa relação histórica que permanece até aos dias atuais.

De acordo com Biedrman (2001), o léxico da língua constitui um tesouro de signos linguísticos que registra o conhecimento que a comunidade linguística tem do mundo através das palavras, ou seja, segundo a autora o léxico tem um papel fundamental na estrutura e funcionamento da língua porque refere conceitos linguísticos e extralinguísticos da cultura e da sociedade.

Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa. O portal é uma referência conceituada, bem como uma mais-valia tanto para o público lusófono em geral como para a comunidade científica. (Site: <http://www.portaldalinguaportuguesa.org/about.html>)

Nesse sentido, Biedrman (2001) faz alusão às diferenças lexicais entre o português do Brasil e o português de Portugal:

“Apesar dessas premissas no que concerne ao léxico, podemos afirmar que a variedade brasileira do português mantém uma profunda identidade com o português europeu da qual é originária. Contudo, as peculiaridades da cultura brasileira e do meio ambiente em que o povo do Brasil criou sua identidade linguístico-cultural geraram um vocabulário distinto daquele que se usa em Portugal. Entretanto, não é menos verdade que uma parte substancial do patrimônio lexical herdado do português europeu continua vigente no português brasileiro. Até mesmo em domínios muito marcados pelas peculiaridades culturais como o das expressões idiomáticas, o português brasileiro segue usando um número grande de expressões idiomáticas herdadas da cultura-mãe, embora, às vezes, com pequenas variações.” (Biedrman, 2001. P. 969)

De acordo com Biedrman (2001), apesar de o português do Brasil ter uma correlação significativa com o português de Portugal, esse criou a sua própria identidade linguística. Contudo, é importante ressaltar que, segundo a autora, uma parte do léxico europeu continua válido no Brasil, mesmo que, às vezes, sofra pequenas variações.

Nesse sentido, é importante ressaltar igualmente que o léxico desses dois países apresenta algumas particularidades como, por exemplo: palavras diferentes para o mesmo elemento, palavras sem equivalência e alguns contrastes preferenciais em relação a palavras que constem duas variantes para os dois países.

Relativamente a palavras diferentes para o mesmo elemento, consiste em palavras exclusivas de uma variante em que a palavra correspondente na outra variante é diferente; porém, ambas se referem ao mesmo elemento como no exemplo: sorvete (português do Brasil) e gelado (português de Portugal).

Face ao exposto, tendo em conta as diferenças lexicais dessas duas variantes e suas particularidades tanto no Brasil quanto em Portugal, pretende-se dar a conhecer se o léxico constitui um fator importante para o desempenho escolar dos estudantes brasileiros no ensino superior público português.

II.3. Tempo verbal: gerúndio vs. infinitivo

Relativamente ao tempo verbal, Fonseca, Duarte & Figueiredo (2001) referem que tempo verbal implica nos distintos tempos gramaticais que o verbo apresenta, tais como o presente, passado, futuro, entre outros.

Nesse sentido, no Brasil a forma nominal predominante para expressar o verbo no tempo presente é o gerúndio⁶, com a terminação dos verbos em **ndo**. Já em Portugal a forma nominal predominante para expressar o verbo no presente é a construção **estar a + infinitivo**⁷. Nessa perspectiva, em relação ao tempo verbal em geral e, em especial, no português europeu, os autores afirmam:

“Os tempos gramaticais do verbo (mais rigorosamente, numa língua como o Português, os afixos que este incorpora, bem como as formas compostas e as construções perifrásticas que pode assumir) servem para localizar no tempo estados e eventos, mas é preciso notar que também têm outras funções importantes: caracterizam aspectualmente uma situação, indicado, por exemplo, se ela é única ou repetida, durativa ou pontual, e modalizam frequentemente essa situação atribuindo valores de probabilidade, desejo ou certeza, entre outros. Por exemplo, o tempo gramatical do Presente do Indicativo assume de forma sistemática valores de habitualidade e de genericidade.

O presente propriamente dito é expresso muito frequentemente numa língua como o Português Europeu pela construção *estar a + infinitivo*, como em:

O Rui está a estudar.” (Fonseca, Duarte & Figueiredo, 2001, p. 76)

⁶ Gerúndio: forma nominal do verbo, invariável, terminada em **ndo** (Dicionário Michaelis, 2002, p.375).

⁷ Infinitivo: qualificativo da forma nominal dos verbos que exprime o estado ou ação sem designar número nem pessoa, caracterizada pela terminação conforme a conjugação **-ar**, **-er**, **-ir** (Dicionário Michaelis, 2002, p.423).

Como consequência, constata-se que apesar da correspondência linguística existente entre Brasil e Portugal e o uso contínuo da língua portuguesa nos dois países, cada país seguiu uma vertente de conservação e inovação em relação à língua. Ou seja, cada país tem as suas características e propriedades linguísticas que diferenciam a variante da língua portuguesa falada e escrita nesses países.

Nesse prisma Cunha (1986) evidencia que o Brasil, em vários fenómenos, apresenta características de inovação em relação à língua portuguesa, enquanto que Portugal é considerado como mais conservador nesse aspecto. Porém, o autor cita vários casos onde o Brasil inclina-se à conservação e Portugal à inovação. Um dos casos que o autor faz referência como exemplo de conservação no português do Brasil é o uso do gerúndio. Segundo o autor, o gerúndio é a forma clássica e mais antiga da língua portuguesa, nesta perspectiva, o autor ressalta que os portugueses foram gradativamente substituindo o gerúndio pela estrutura *a + infinitivo*.

Levando em consideração o supracitado, constata-se que, em vários contextos do uso da língua portuguesa, atualmente o Brasil emprega mais o gerúndio na mesma proporção que Portugal emprega mais o infinitivo. Assim sendo, a forma nominal dos verbos nesses dois países constitui uma das particularidades mais relevantes no que diz respeito a estas duas variantes linguísticas.

CAPÍTULO III – ESTUDO EMPÍRICO

Introdução

O estudo empírico desta pesquisa tem como seu objetivo principal fazer uma análise do desempenho escolar dos estudantes brasileiros nas universidades públicas portuguesas, focando principalmente na Universidade Nova de Lisboa. Para isso, busca responder às questões que deram origem à formulação do problema, e que são:

- Os estudantes brasileiros no ensino superior público português têm um bom desempenho escolar?
- Existem diferenças no desempenho destes alunos?
- Quais os motivos contribuem para estas diferenças, caso elas existam?

Neste sentido, este capítulo apresenta o percurso realizado durante a pesquisa para alcançar os seus objetivos através dos seguintes fatores: metodologia, limitações da pesquisa, caracterização dos participantes, instrumentos e procedimentos e, por fim, são apresentadas a análise e discussão dos dados.

III.1. Metodologia

A metodologia utilizada para o desenvolvimento desta pesquisa foi qualitativa e quantitativa situando, por isso, num método misto. Qualitativa no sentido em que os dados predominantes na pesquisa são qualitativos, ou seja, os números e as conclusões numéricas representam um papel secundário na análise dos dados; porém, não deixa de ser importante. Richardson (1989) explica que o método qualitativo difere do quantitativo na medida em que este não tem um instrumental estatístico como a base de seu trabalho, ou seja, não pretende medir ou enumerar categorias, o que se aplica à presente pesquisa.

Ainda de acordo com Richardson (1989), o método quantitativo se caracteriza pela utilização da quantificação, tanto na coleta de informação, quanto na abordagem destas por meio de dados estatísticos, o que se aplica à respectiva pesquisa, levando em

consideração que utilizamos um questionário com variáveis distintas e relevantes para coleta de dados.

Em suma, a presente pesquisa é qualitativa no sentido em que pretende entender mais precisamente como ocorre o desempenho escolar dos alunos/participantes, como esses alunos agem, o que eles pensam a respeito do tema e se houver diferenças entre o desempenho escolar saber o porquê e quais os fatores que contribuem para a superação de cada um. Também quantitativa no sentido em que coletamos informações que podem ser mensuradas em números, fazendo a sua análise e obtendo, assim, dados estatísticos pertinentes para esta pesquisa.

III.2. Limitações da pesquisa

A pesquisa realizada apresentou limitações importantes que serão expostas em seguida:

- Devido a aspectos como localização geográfica, dificuldade de locomoção e fatores relacionados com a atividade profissional dos participantes, tornou-se inviável o contato pessoal com estes, optando-se, assim, por um questionário *online*.
- Foram realizados contatos com os órgãos de gestão da FCSH solicitando autorização para recolha do número total de estudantes brasileiros na universidade e envio do questionário *online* para os estudantes brasileiros. O envio dos questionários foi realizado com sucesso, a autorização para recolha de dados foi concedida, porém até à data os dados não foram recebidos. Desta forma, a pesquisa foi realizada sem a respectiva informação.
- Outra limitação importante refere-se ao número de respondentes ao questionário que, ao ser em número reduzido, só permite considerar os resultados relativos à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, levando em consideração que apenas 3 estudantes pertenciam a outras universidades públicas portuguesas.

Nessa perspectiva, os resultados da pesquisa não podem ser generalizados, porém servem como indicador importante para o ensino superior público português.

III.3. Participantes

O público-alvo da presente pesquisa foram os alunos brasileiros de ensino superior das universidades públicas portuguesas com ênfase na Universidade Nova de Lisboa.

O estudo empírico contou com a participação de 40 alunos, sendo 37 pertencentes à Universidade Nova de Lisboa e 3 pertencentes a outras instituições públicas não identificadas. Em relação à faixa etária do público-alvo varia entre abaixo de 20 e acima dos 40 anos, sendo que a maioria dos participantes que responderam ao questionário pertenciam à faixa etária acima dos 20 e abaixo dos 30 anos o que corresponde a uma porcentagem de 50%. Relativamente ao gênero também foi heterogêneo, porém com uma predominância do sexo feminino com 29 participantes (74,4%), enquanto que o sexo masculino contou com 11 participantes (25,6%). No que respeita às habilitações literárias, constata-se que o maior número de participantes possuía grau acadêmico ao nível de mestrado o que corresponde a 48,7%, em relação às outras habilitações que ficaram assim distribuídas: 6,1% dos participantes possuíam pós-graduação (especialização), 9,3% dos participantes tinham graduação (licenciatura/bacharelado) e 35,9% dos participantes possuíam doutorado.

Como já foi mencionado anteriormente todos os participantes são de nacionalidade brasileira e alunos do ensino superior público português. Abaixo, segue a tabela referente à caracterização dos participantes:

Tabela 1: Caracterização dos participantes

Sexo	Feminino	29	74,4%
	Masculino	11	25,6%
Idade	Abaixo de 20 anos	0	0%
	Acima de 20 anos	20	50%
	Acima de 30 anos	12	28,2%
	Acima de 40 anos	8	21,8%
Grau Acadêmico	Graduação (Licenciatura/Bacharelado)	5	9,3%
	Pós-Graduação (Especialização)	3	6,1%
	Mestrado	19	48,7%
	Doutorado	13	35,9%
Instituição	Universidade Nova de Lisboa	37	92,1%
	Outras instituições públicas não identificadas	3	7,9%

Fonte: questionário aplicado ao público-alvo da presente pesquisa em fevereiro de 2016.

III.4. Instrumentos e procedimentos

Relativamente ao instrumento utilizado para o desenvolvimento desta pesquisa, consistiu no levantamento bibliográfico sobre os pilares que são fundamentais para a conclusão da mesma e na aplicação de um inquérito *online* direcionado ao público-alvo.

Para alcançar o objetivo da pesquisa foi elaborado um questionário aplicado *online* com um total de 24 questões abertas e fechadas. O questionário é composto por 19 questões fechadas e 5 questões abertas. As questões fechadas consistem em questões

objetivas de múltipla escolha com as possíveis respostas formuladas, onde os participantes optaram apenas por uma resposta. As questões abertas consistem em questões discursivas, onde os participantes tiveram total liberdade para responderem com as suas próprias palavras.

Para proceder à elaboração desse questionário foram levados em consideração os três pilares que fundamentam a presente pesquisa, nomeadamente a linguagem, a construção da identidade e as diferenças socioculturais, com o intuito de atingir o objetivo proposto.

Em relação à linguagem foram elaboradas questões sobre o léxico das duas variantes linguísticas com o intuito de saber se houve dificuldade sobre este ponto, como também em relação à própria linguagem/escrita brasileira em relação à aceitação da mesma pelos professores. Em relação à construção da identidade, para a formulação das perguntas foram considerados pontos como a relação familiar, as reprovações e classificações dos alunos, como também a escolha de fazer o curso fora do Brasil. Relativamente às diferenças socioculturais, foi enfatizada a diversidade cultural e a sua influência no desempenho escolar.

Está disponível, em anexo, um exemplar do questionário que foi aplicado, bem como um outro exemplar do questionário preenchido.

III.5. Análise e discussão dos resultados

Com o propósito de tornar a análise de dados da pesquisa mais clara e objetiva, a mesma será dividida em três partes, que são: linguagem, construção da identidade e diferenças socioculturais; ou seja, os três pontos cruciais para o desenvolvimento desta pesquisa. O intuito dessa separação é procurar analisar todas as questões que compõem o questionário, agrupando as mesmas ao respectivo tema à que supostamente pertence.

É importante salientar que a última questão do questionário consiste numa sugestão para que os participantes pudessem explicitar algum fator que os mesmos consideram importante para o desempenho escolar e que não tenha sido abordado no questionário.

Análise de dados relativamente à linguagem

No que se refere à aceitação da escrita pelos professores, a maioria dos participantes responderam “sim, a maioria”, ou seja, a maioria dos professores aceita que os seus alunos expressem a sua escrita brasileira. Porém, 11,8% informaram que a minoria aceita e 8,8% dos participantes alegam que nenhum dos seus professores aceitam a sua escrita brasileira.

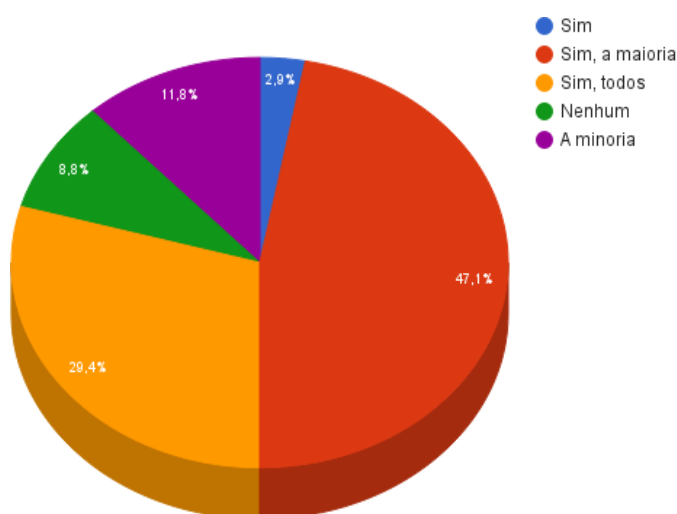
Houve um participante que foi mais além e deixou um comentário sobre a questão da escrita brasileira, explicitando a sua visão em relação ao assunto e as suas dificuldades em lidar com o mesmo. Segue o depoimento do participante que será identificado como Respondente_1⁸:

“O maior problema que tive até hoje é a visão de alguns professores acharem a escrita acadêmica do português do Brasil informal, o que torna o trabalho de revisão de textos, teses e dissertações uma tortura. O que acontece é que acabamos por mudar a nossa escrita para a forma do português de Portugal para evitar problemas e não empacar com o trabalho. Mas isso é um processo lento, que vem ao longo do curso e não sem esforço. ” (Respondente_1, resposta ao questionário. 2016, fevereiro 04).

O depoimento de Respondente_1 deixa claro que apesar de a maioria dos professores aceitarem a escrita brasileira, existem alguns que ainda se apresentam relutantes a essa questão, o que pode representar uma barreira no bom desempenho deste aluno. Apresenta-se, em seguida, em gráfico, os dados relativos a esta questão.

⁸ Por questões de privacidade foi assegurado o anonimato de todos os dados apresentados. Os participantes doravante serão chamados de “Respondente”, seguido do respectivo número por ordem numérica crescente, ex.: Respondente_1, Respondente_2 e assim sucessivamente.

Gráfico 1: Aceitação da escrita brasileira



Fonte: questionário aplicado ao público-alvo da presente pesquisa em fevereiro de 2016.

Quanto às variações lexicais, quando questionados se tiveram dificuldades em relação ao léxico, a maioria respondeu “sim, um pouco”; no entanto, quando questionados se essas diferenças lexicais influenciavam no seu desempenho escolar a maioria respondeu que sim (ver tabela 2).

Tabela 2: Diferenças lexicais

Teve dificuldade em relação ao léxico?	Sim, um pouco	67,6%
	Sim, muita	13,5%
	Nenhuma	18,9%
As diferenças lexicais influenciam no desempenho escolar?	Sim	45,9%
	Não	35,2%
	Talvez	18,9%

Fonte: questionário aplicado ao público-alvo da presente pesquisa em fevereiro de 2016.

De acordo com os dados explicitados na tabela, parece poder-se deduzir que a maioria dos participantes concordam que as variações ao nível do léxico interferem de alguma forma no desempenho escolar destes estudantes, sendo que uma pequena parcela de 13,5% demonstra muita dificuldade ao nível do léxico.

Como mencionado anteriormente, alguns autores, como por exemplo Florentino (2002), afirmam que o léxico brasileiro teve origem a partir do léxico do norte de Portugal. No entanto, de acordo com os dados da presente pesquisa, é notório que, apesar de tal informação, as particularidades de cada uma dessas variantes ainda influenciam ativamente no desempenho escolar de estudantes brasileiros em Portugal.

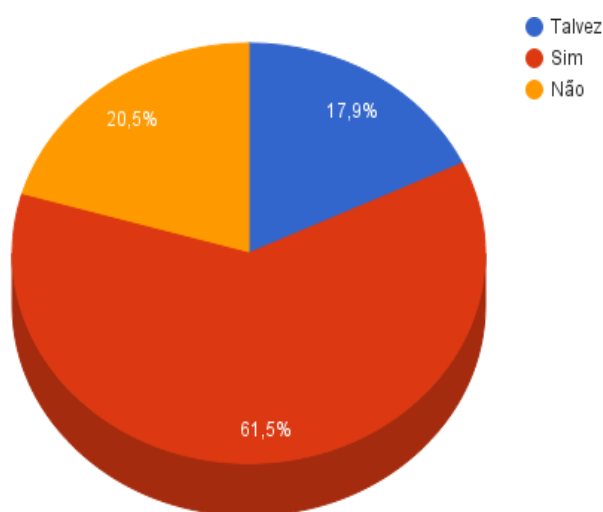
Análise de dados relativamente à construção da identidade

No que concerne à construção da identidade, esta pesquisa abordou fatores que considera importantes para este aspecto, levando em consideração, como já foi referido anteriormente, com base em Silva (2008), que o mesmo é um processo único e que está em constante progressão, tanto na instituição escolar quanto no meio social no qual esses alunos estão inseridos.

Nesse sentido, foram abordados pontos como a relação familiar, ou seja, até que ponto a família pode influenciar no desempenho escolar. Outro fator relevante exposto consistiu em saber o motivo pelo qual esse estudante escolheu um curso fora do Brasil. Também foram referidas questões sobre o método de estudo e se este método influencia positivamente no seu desempenho. Por fim, também foram abordados o exame de recurso e as reprovações, como também a maior e a menor classificação dos participantes até ao momento.

No âmbito da relação familiar, a maioria dos participantes acham que a relação familiar influencia no desempenho escolar enquanto que a minoria acha que talvez influencie, como pode-se conferir no gráfico abaixo:

Gráfico 2: Influência do relacionamento familiar no desempenho escolar



Fonte: questionário aplicado ao público-alvo da presente pesquisa em fevereiro de 2016.

Nesse intuito, fica explícita a influência que a família exerce no desempenho escolar desses estudantes. De acordo com Maldonado (1997), a família possui um papel crucial na educação de um indivíduo o que, por sua vez, se reflete no seu desempenho escolar, como pode-se depreender no trecho seguir:

“Por falta de um contato mais próximo e afetuosos, surgem as condutas caóticas e desordenadas, que se reflete em casa e quase sempre, também na escola em termo de indisciplina e de baixo rendimento escolar.” (Maldonado, 1997, p.11)

Por outras palavras, a família é fundamental na formação cultural e social de qualquer pessoa, é a base da sociedade que atua ativamente na construção da identidade de um indivíduo, consequentemente repercutindo-se positiva ou negativamente na sua vida escolar.

Em relação à base de conhecimentos adquiridos no Brasil, a maioria correspondente a 71,8 afirma que é suficiente para um bom desempenho escolar em Portugal. Olhando por esse prisma pode-se inferir que grande parte dos alunos que responderam ao questionário não tiveram dificuldades nesse aspecto. Porém uma parcela

correspondente a 20,5% não está satisfeita nesse sentido, enquanto que 7,7% ficaram indecisos e responderam talvez.

No que respeita a método de estudo, 52,6% afirmam ter um método de estudo específico e dessa parcela a maioria acha que isto contribui positivamente para o desempenho escolar. Abaixo segue a tabela.

Tabela 3: Método de estudo

Tem um método de estudo específico?	Sim	52,6%
	Não	39,5%
	Talvez	7,9%
Acha que ter um método de estudo influencia, positivamente, no desempenho escolar?	Sim	95,5%
	Não	4,5%
	Talvez	0%

Fonte: questionário aplicado ao público-alvo da presente pesquisa em fevereiro de 2016.

Levando em consideração a tabela acima depreende-se que o aluno que tem um determinado método terá um rendimento positivo no desempenho escolar. Porém, seria precipitado afirmar que aqueles que responderam que não têm um método específico também não tenham um rendimento positivo.

No que diz respeito às reprovações, 79,5% dos participantes nunca reprovaram e 87,2 nunca recorreram ao exame de recurso, porém uma pequena parcela dos respondentes já reprovou em alguma disciplina e/ou recorreram ao exame de recurso (ver tabela 4).

Tabela 4: Reprovações e exames de recurso

Já reprovou em alguma disciplina?	Sim	20,5%
	Não	79,5%
Já recorreu ao exame de recurso?	Sim	18,8%
	Não	87,2%

Fonte: questionário aplicado ao público-alvo da presente pesquisa em fevereiro de 2016.

De acordo com a tabela acima, os dados expressos permitem entender que, nessas condições, 20,5% dos participantes já reprovaram em alguma disciplina durante o curso. Porém, este valor ainda pode variar, levando em consideração que os participantes, até ao momento de aplicação do inquérito, ainda não tinham concluído os seus cursos, não anulando assim a probabilidade de possíveis reprovações nesta ou em outra fase de sua vida académica.

Relativamente à maior classificação, a maioria dos respondentes tem como média mais alta 17, já em relação à menor média ronda os 14 valores.

Por último, mas não menos importante, no que se refere à construção da identidade será abordado o motivo pelo qual estes estudantes brasileiros revolveram fazer um curso superior em outro país, nomeadamente Portugal. Essa questão foi uma pergunta subjetiva à qual deixámos a resposta em aberto para poder perceber a particularidade e os motivos de cada participante. Adiante vamos expor alguns motivos que esses participantes explicitaram ao responder à pergunta em questão.

Nesse sentido, alguns estudantes responderam que escolheram vir para Portugal porque no Brasil não havia o curso que estão cursando aqui. Outros porque conseguiram bolsa de estudos. Alguns porque o tema de sua pesquisa era relacionado com Portugal. Outros ainda porque já tinham família que residia em Portugal e a maioria respondeu que escolheram Portugal pela facilidade da língua portuguesa, pela relação que há entre Portugal e Brasil o que, no ponto de vista dos respondentes, facilitaria a burocracia e, por último, a vontade de conhecer novas culturas e vivenciar diferentes realidades.

Enfim, foram diversos os motivos pelos quais os participantes escolheram Portugal como destino. No entanto, todos os motivos intervêm direta ou indiretamente na construção da identidade de cada um deles, o que, por sua vez, se repercutirá, positiva ou negativamente, no seu desempenho escolar.

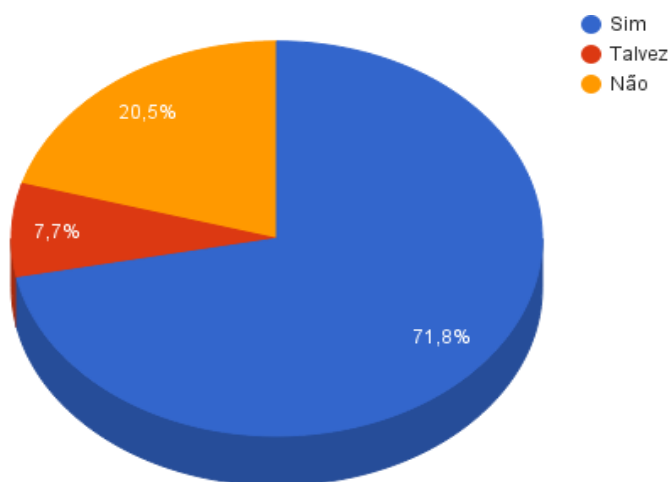
Análise de dados relativamente às diferenças socioculturais

Nesta parte da análise de dados são abordados aspectos relacionados com as diferenças socioculturais e como estas diferenças se podem repercutir diretamente no desempenho escolar dos participantes.

Para isto foram tratados pontos como a base de conhecimentos adquirida no Brasil, o bom relacionamento com os professores e se este influencia no desempenho escolar, se conseguiu se adaptar facilmente à universidade atual e o que contribuiu para esse processo de adaptação, se a adaptação influencia no desempenho escolar. Continuando nessa perspectiva multicultural também foi referido o relacionamento com os colegas universitários e se as interações com os colegas de turma influenciam de alguma forma no desempenho. Por fim, foi evidenciado se as diferenças culturais entre Brasil e Portugal exercem algum tipo de influência no desempenho escolar dos participantes.

No que refere à base de conhecimentos adquirida no Brasil, 71,8% dos participantes concordam que este foi suficiente para a continuação dos estudos em Portugal. De acordo com Shulman (1987), a base de conhecimentos para o ensino se refere a um conjunto de conhecimentos, perspectivas e disposições adquiridos em diferentes momentos, situações e experiências vividas pelo indivíduo na sua vida pessoal, escolar, académica e profissional. Nesse sentido, pode-se inferir que a maioria dos participantes atingiram esse conjunto de disposições, ainda no Brasil, considerando-os suficientes para prosseguir a vida académica em Portugal (ver gráfico 3).

Gráfico 3: Suficiência da base de conhecimentos adquirida no Brasil



Fonte: questionário aplicado ao público-alvo da presente pesquisa em fevereiro de 2016.

No entanto, 20,5% dos participantes não consideram que a base de conhecimentos adquirida no Brasil seja suficiente para ter um bom desempenho no ensino em Portugal. Levando em consideração essa porcentagem, pode-se deduzir que esse determinado número de alunos poderá encontrar algum tipo de dificuldade no decorrer de seu percurso acadêmico, em decorrência desse déficit de base de conhecimentos, no entanto seria precipitado afirmar que o desempenho dos mesmos seria baixo. Considerando este cenário, fica manifesto que a base de conhecimentos é um fator pertinente a ser levado em consideração, ainda de acordo com Shulman (1987):

“A chave para distinguir a base de conhecimentos para o ensino reside na intersecção do conteúdo com a pedagogia, na capacidade do professor de transformar o seu conhecimento do conteúdo em formas que sejam pedagogicamente poderosas e adaptáveis às variações de capacidade e de experiências apresentadas pelos alunos.” (Shulman, 1987, p.15,)

Nessa perspectiva é importante salientar que o professor tem um papel fundamental relativamente a esses alunos, independentemente de terem uma base de conhecimentos considerada suficiente ou não. Isto significa dizer que a forma como o professor transmite o conhecimento é de elevada importância para a formação da base de conhecimentos dos alunos e conseqüentemente para o seu desempenho. Ou seja, o professor é um mediador que deve ter a capacidade de repassar o seu conhecimento

levando em consideração as variações, as limitações e as capacidades de cada aluno. Porém, isto não isenta as responsabilidades do aluno nessa troca de conhecimentos.

Outro ponto abordado foi quanto ao relacionamento com os professores portugueses e se o relacionamento com os mesmos influenciava no desempenho escolar. Abaixo segue tabela com os dados para análise.

Tabela 5: Relacionamento com os professores

Tem um bom relacionamento com os professores?	Sim, com todos	51,3%
	Não	2,6%
	Sim, com alguns	46,2%
Em porcentagem, quanto o seu relacionamento com os professores influencia no seu desempenho?	25%	9
	50%	14
	75%	12
	100%	5

Fonte: questionário aplicado ao público-alvo da presente pesquisa em fevereiro de 2016.

Como se pode depreender na tabela acima, 51,3% dos participantes afirmam ter um bom relacionamento com todos os professores e 14 dos 40 participantes acham que a boa relação com os professores influencia no desempenho escolar. Entretanto 46,2%, que é um número bastante considerável, afirma ter uma boa relação apenas com alguns, enquanto que 12 dos 40 participantes acham que o bom relacionamento com o professor influencia em 75% no desempenho escolar.

Esses dados revelam a importância da atuação do professor no desempenho escolar desses alunos. Segundo Brito e Costa (2010), o professor tem um papel fundamental na formação dos alunos, colaborando para que esses alunos sejam mais críticos, motivados, criativos, entre outros aspectos, como ressaltam no trecho que se segue:

“Professores, por meio das práticas pedagógicas, podem influenciar significativamente a trajetória escolar dos alunos, contribuindo para o sucesso escolar, especialmente daqueles com maiores dificuldades educacionais.” (Brito & Costa, 2010, p.500)

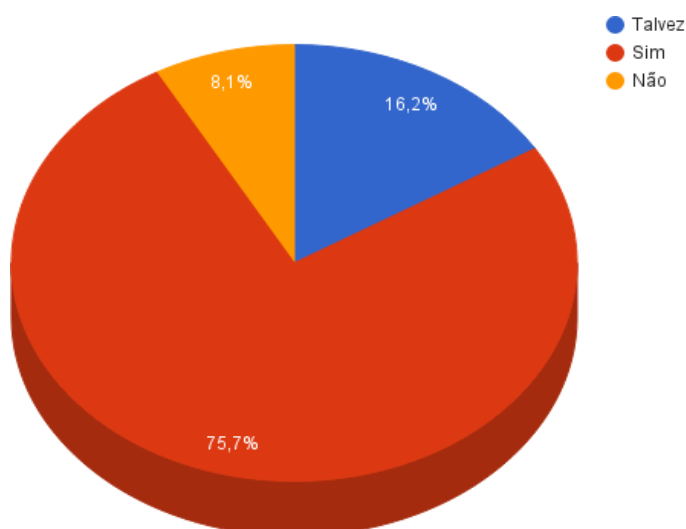
Nesse seguimento, Waiselfisz (2000a) afirma que grande parte dos fatores que influencia o desempenho está relacionado com os professores. Segundo o autor, na mesma proporção em que cresce a escolarização do professor, cresce também o desempenho dos alunos. Nessa mesma linha Freire (2002, p.25) salienta o fato de o professor não ser um transmissor de conhecimento quando enfatiza que: “ensinar não é transferir conhecimentos, mas criar as possibilidades para sua produção ou a sua construção.” Freire (2002) também acentua que o professor ao ensinar, aprende e o aluno ao aprender, também ensina, como explicita no texto:

“Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro.” (Freire, 2002, p.25)

Concluindo essa linha de raciocínio, da importância do professor e seu bom relacionamento para o desempenho escolar, Gil (2011) também compartilha desse seguimento e afirma que o professor tem um papel determinante no bom desempenho do estudante. Para Gil (2011), os principais pontos relacionados com o professor que influenciam no desempenho dos alunos são: os conhecimentos relativos à matéria, as suas habilidades/capacidades pedagógicas, a sua motivação e a percepção sobre educação. Em suma, o bom relacionamento dos alunos com os professores, e vice-versa, torna-se um fator relevante para o bom desempenho escolar desses alunos.

Outro ponto abordado referia-se à adaptação na universidade portuguesa. A maioria dos participantes respondeu que sim e o motivo mais comum para o bom processo de adaptação desses alunos foi a boa receptividade da respectiva turma à qual pertencem. Essa questão foi uma questão descritiva onde a maioria enfatizou o fato de pertencerem a turmas multiculturais e explicitaram uma relação de autoajuda entre os alunos. Nessa perspectiva foi perguntado se o fator adaptação influenciava no desempenho escolar e a maioria respondeu que sim, como se pode ver no gráfico abaixo.

Gráfico 4: Influência da adaptação no desempenho escolar



Fonte: questionário aplicado ao público-alvo da presente pesquisa em fevereiro de 2016.

De acordo com o gráfico acima fica explícito que o processo de adaptação e a boa receptividade da turma tornam-se numa mais-valia no processo de desempenho desses alunos. O fato de participarem de um núcleo multicultural também se torna um ponto positivo, no sentido de troca e vivência de novas experiências e no processo de autoajuda entre esses estudantes multiculturais.

Em relação ao bom relacionamento com os colegas de turma e se as interações sociais com os mesmos influenciam no desempenho escolar a maioria respondeu que sim, como se pode verificar na tabela 6.

Tabela 6: Relacionamento com os colegas de turma

Tem um bom relacionamento com os colegas de turma?	Sim	66,7%
	Com a maioria	27,8%
	Não	2,8%
	Com a minoria	2,8%

Acha que suas interações sociais com seus colegas de turma contribuem de alguma forma para seu desempenho?	Sim, contribuem positivamente	91,9%
	Não, não influenciam em nada	5,4%
	Sim influenciam negativamente	2,7%

Fonte: questionário aplicado ao público-alvo da presente pesquisa em fevereiro de 2016.

De acordo com a tabela acima, pode-se comprovar a importância das interações sociais no desempenho desses alunos. Atualmente várias pesquisas apontam a sala de aula como um ambiente com diversas dimensões. Arends (1999) refere-se à sala de aula como um ambiente de trabalho e de relações sociais que é influenciado pelo aluno, pelos professores e também inclui algumas características físicas nesse contexto. Ou seja, o ambiente de sala de aula, a boa relação entre os alunos e a interação social entre os mesmos são efetivamente pontos positivos no processo de desempenho desses alunos.

De acordo com Vygotsky (1984), as interações sociais entre os alunos são importantes na medida em que veem a aprendizagem como um processo essencialmente social. Nesse sentido, Davis, Silva, & Espósito (1989) afirmam:

“ As relações interpessoais, que se dão na interação social, complementam e se apoiam, conseqüentemente, no conjunto de relações vividas individualmente pelos participantes, exigindo que se leve em conta os valores culturais que se inscrevem em tais conjuntos de relações e que são valorizados do ponto de vista emocional, intelectual e social. Desta forma, ao ocorrerem por intermédio de relações interpessoais – valorizadas ou menosprezadas em função da cultura - as interações sociais acabam sendo valoradas da mesma forma que se valorou as relações interpessoais que as engendraram. ”
(Davis, Silva, & Espósito, 1989, p.52)

Ou seja, as relações com os colegas de turma são importantes para o desempenho escolar na medida em que tais relações abrangem interação com um ou mais colegas de

turma, envolvendo cultura, formas de concepções, ideias e crenças internalizadas por tais alunos. Nesse seguimento os autores ainda vão mais além e referem a questão das interações relacionada com a construção do saber, ou seja, a aprendizagem em si, como se pode constatar no trecho abaixo:

“ Interações sociais que contribuem para a construção do saber e que, por esta razão, são consideradas educativas referem-se, pois, a situações bem específicas: aquelas que exigem coordenação de conhecimentos, articulação de ação, superação de contradições etc. Para tanto, é preciso que certezas sejam questionadas, o implícito explicitado, lacunas de informação preenchidas, conhecimentos expandidos, negociações entabuladas. Decisões tomadas. Tal interação, no entanto, ocorrerá apenas na medida em que houver conexões entre seus objetivos (conhecimentos a serem construídos) e o universo vivido pelos participantes, entendidos enquanto atores que possuem interesses, motivos e formas próprias de organizar sua ação. Para que os parceiros de uma dada interação abram mão da individualidade que os move, é fundamental que o significado e a importância da atividade conjunta estejam claro para todos os envolvidos.

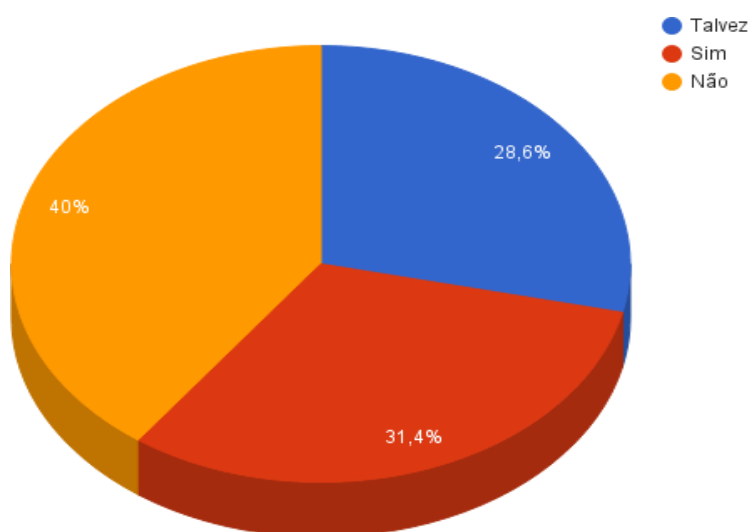
Para assegurar a construção do saber escolar é necessário, conseqüentemente, que se favoreçam determinados tipos de interações sociais, uma vez que nada garante que elas surjam de forma espontânea ou natural, no cotidiano da instituição. ” (Davis, Silva, & Espósito, 1989, p.52)

Em outras palavras, os autores fazem menção ao tipo de interações sociais que se requer na instituição e nesse sentido entra o professor, isto é, no papel que ele assumirá na sala de aula para promover tais interações entre os alunos.

Face ao exposto averigua-se que as interações sociais têm um papel importante no desempenho escolar dos alunos e também no seu desenvolvimento/construção pessoal.

Relativamente às diferenças culturais entre os dois países a maioria dos participantes afirma que não influenciam no desempenho escolar. Abaixo segue o gráfico com os respectivos resultados.

Gráfico 5: Influência das diferenças culturais entre Brasil e Portugal



Fonte: questionário aplicado ao público-alvo da presente pesquisa em fevereiro de 2016.

De acordo com as respostas do questionário, 40% dos participantes não sentem nenhum tipo de influência no desempenho escolar relativamente às diferenças sociais. Entretanto 31,4% afirmam que sentem influência e 28,6% ficaram indecisos em relação a esta questão. Tais resultados talvez sejam derivados da influência marcante da cultura portuguesa no Brasil que desde a colonização se fez presente no campo da educação e da cultura. Consequentemente, daí resulta uma relação de proximidade entre esses dois países que persiste até aos dias atuais e de alguma forma acaba se repercutindo na interação entre os dois povos. Um fator forte que contribui para isso é a língua portuguesa, como mencionado anteriormente.

Relativamente à última questão referida no questionário, foi uma questão aberta, como supracitado, deixando os participantes livres para explicitarem algum tema que não tivesse sido abordado no questionário e que os mesmos achassem relevante para a presente pesquisa.

Em relação a essa questão as respostas foram diversas abordando desde problemas financeiros até problemas com o Serviço de Estrangeiros e Fronteiras para regularização de vistos. Alguns estudantes se queixam que os problemas com a regularização de visto e informações imprecisas entre os consulados de ambos os países é bastante desgastante para o estudante brasileiro, como pode-se conferir no depoimento abaixo:

“A regularização do visto no SEF, com informações desencontradas entre o consulado de Portugal no Brasil e o SEF em Portugal é bastante desgastante para o estudante brasileiro. ” (Respondente_2, resposta ao questionário. 2016, fevereiro 04).

Outro participante foi mais específico e falou diretamente sobre a adaptação na sociedade lisboeta e o desempenho do estudante brasileiro na cidade de Lisboa:

“A adaptação na sociedade lisboeta como um todo e o tratamento direcionado aos brasileiros na cidade influenciam negativamente o desempenho escolar de estudantes brasileiros em Lisboa. ” (Respondente_3, resposta ao questionário. 2016, fevereiro 04).

Face a todos os fatores explicitados no decorrer da referente pesquisa, pode-se deduzir que a maioria dos estudantes não sente uma influência negativa, em geral, relativamente ao tratamento direcionado aos estudantes brasileiros. Portanto, levando em consideração todos os dados expostos até ao momento, como as relações entre os alunos, a relação com os professores, a adaptação em Portugal, entre outros, pode-se deduzir que a opinião do participante Respondente_3, se tratar de um caso específico e não de um caso generalizado.

Uma outra opinião direciona-se aos portugueses de uma forma geral:

“No geral acho os portugueses muito mais fechados que os brasileiros (só oferecem ajuda se solicitados mesmo) e também os acho extremamente confusos e prolixos. Eles se expressam de um modo complicado, transformando algo simples em algo complexo. Isso é cansativo. ” (Respondente_4, resposta ao questionário. 2016, fevereiro 04).

Mais uma opinião que, de acordo com a presente pesquisa, justifica-se como um caso específico desse participante, tendo em vista os dados levantados e aqui analisados até ao momento.

O participante Respondente_5 refere brasileiro -se ao processo de seleção para ingresso no mestrado em Portugal e compara com o e faz algumas críticas ao mesmo:

“O ensino universitário que tive foi superior à demanda do mestrado, por isso, acredito que é mais fácil fazer um mestrado aqui do que no Brasil, pois lá os professores são mais exigentes e até a seleção para ser aceito é mais difícil. Essa opinião se repete na avaliação de muitos amigos brasileiros que fiz em Lisboa e que estudam na Nova e em outras universidades portuguesas.” (Respondente_5, resposta ao questionário. 2016, fevereiro 04).

De fato, essa questão não foi abordada no questionário por não fazer parte dos pilares da presente pesquisa. Contudo, a título de informação, a crítica é pertinente por se tratar do processo de ingresso na universidade, assim como por ser uma opinião valiosa de um dos participantes, por isso, se justifica a sua exposição na respectiva pesquisa.

Outra crítica que não foi abordada, mas se faz muito pertinente, é em relação à coordenação do curso. Alguns estudantes tornaram explícitos que o acesso à coordenação do curso é muito restrito e a mesma muito distante dos alunos.

Por último, mas não menos importante, foi referido o comprometimento do aluno com um curso, um fator que é altamente relevante para o desempenho:

“Acho que o comprometimento do aluno com o curso é fundamental. Seja no seu país ou não, há uma diferença de quem quer estudar de verdade e de quem quer apenas ‘curtir’.” (Respondente_6, resposta ao questionário. 2016, fevereiro 04).

Relativamente a essa questão do comprometimento do aluno, não foi abordada diretamente com essas palavras, porém estavam implícitas em outras questões, como as questões relacionadas com o método de estudos, as reprovações, as classificações, entre outras questões que são inerentes ao comprometimento do aluno. Contudo, a opinião do participante Anônimo_6 é válida, pertinente e, por isso, justifica-se a sua exposição na pesquisa.

CAPÍTULO IV – CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

Com o turbulento contexto multicultural que vivenciamos hoje nas universidades públicas portuguesas e levando em consideração tudo que foi explicitado na presente pesquisa, considera-se que a realização deste estudo foi altamente relevante para a ampliação dos conhecimentos científicos multiculturais, bem como para o contexto científico geral em que nos encontramos e para o contexto universitário português.

Relativamente aos objetivos propostos para esta pesquisa parece poder-se concluir que foram atingidos mediante os fatores aqui supracitados.

Face ao exposto salienta-se que o desempenho dos estudantes brasileiros nas universidades públicas portuguesas de uma forma geral é bom e não existe diferenças consideráveis no desempenho entre estes estudantes. Dessa forma depreende-se que os estudantes brasileiros têm um desempenho linear, com poucas reprovações em seu contexto universitário e uma boa interação em geral no contexto acadêmico português.

Convém, no entanto, frisar que estes dados e as respectivas conclusões referem-se a estudantes brasileiros da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, uma vez que os três estudantes de outras universidades não permitem a generalização ao ensino universitário público português.

No âmbito da linguagem, deduz-se que a escrita brasileira é geralmente bem aceite, apesar de alguns professores ainda não a aceitarem de todo, contudo, isso não se torna um grande obstáculo para o bom desempenho destes alunos. Já em relação ao léxico percebe-se algum grau de dificuldade a superar pela maioria dos participantes, porém, não representa um fator negativo na aprendizagem visto que, de uma forma geral, a maioria consegue superá-lo, não se tornando, portanto, uma barreira significativa no desempenho escolar desses alunos.

No que se refere à construção da identidade, de acordo com o levantamento de dados, neste aspecto a maioria acha que o relacionamento familiar influencia diretamente no desempenho escolar, constata-se que a maioria desses estudantes adquiriu boa base de conhecimentos no Brasil e que as reprovações são insignificantes

em comparação com o número de alunos que nunca reprovaram. Portanto, nesse aspecto parece poder-se concluir que a construção da identidade é importante para o desempenho desses estudantes e de uma forma geral contribui positivamente para o mesmo.

Relativamente às diferenças socioculturais, em conformidade com o evidenciado na pesquisa, confere-se que é um elemento de elevada importância para o desempenho desses alunos. Levando em consideração as interações entre os próprios alunos no contexto institucional, as interações com os professores, a troca de experiências e de cultura, entre outros aspectos acima referidos, percebe-se o quão valioso é esse fator no desempenho escolar desses estudantes.

As proposições de vários autores mencionados no decorrer da pesquisa permitem estruturar a proposta principal da mesma, além de demonstrar que os três fatores cruciais para o seu desenvolvimento, - linguagem, construção da identidade e diferenças socioculturais -, são fundamentais para o bom desempenho escolar de estudantes brasileiros em universidades públicas portuguesas.

Desse modo, conclui-se que são vários os fatores que influenciam no desempenho escolar dos estudantes brasileiros em universidades públicas portuguesas, porém, de acordo com a pesquisa, averigua-se que os fatores que contribuem positivamente para o desempenho desses alunos sobressaem aos fatores que influenciam negativamente. Como consequência, constata-se que os estudantes brasileiros no ensino superior público português, e concretamente na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, conseguem ter um bom desempenho de uma forma geral.

Face ao exposto, esta pesquisa encerra as suas considerações sugerindo que a linguagem/escrita brasileira tenha melhor aceitação no ensino superior público português, levando em consideração que foi um dos pontos onde a maioria dos participantes apresentou mais dificuldades. cremos que esta situação possibilitará o surgimento de trocas socioculturais e linguísticas das duas variantes da língua portuguesa falada no Brasil e em Portugal.

BIBLIOGRAFIA

Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa. Decreto do Presidente da República nº 43/91; Resolução da Assembleia da República nº 26/91. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

Arends, R. I. (1999). *Aprender a ensinar*. Lisboa: McGraw-Hill.

Bagno, M. (2001). *Português ou brasileiro? Um convite à pesquisa*. Parábola Editorial. São Paulo.

Barbosa, A. M. (2006). *Arte/Educação Contemporânea*. Ed. Cortez, São Paulo.

Barbosa, A. M. T. B. (1991). *A imagem no ensino da arte: anos oitenta e novos tempos*. São Paulo: Perspectiva; Porto Alegre: Fundação IOCHPE.

Biderman, M. T. C. (2001). *O Português Brasileiro e o Português Europeu: Identidade e Contraste*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP.

Biderman, M. T. C. (2002). *A formação e a consolidação da norma lexical e lexicográfica no português do Brasil*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP.

Bogdan, R. & Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação: Uma Introdução à Teoria e aos Métodos*. Porto: Porto Editora.

Bógus, L.M.M. (1997). "Globalização e Migração Internacional: o que há de novo nesses processos?" in Dowbor, L.; Ianni, O.; Resende, P.E.A. (orgs.) - *Desafios da Globalização*, Rio de Janeiro, Ed. Vozes.

Bourdieu, P. (1997). *A miséria do mundo*. Petrópolis: Vozes.

Brandão, C. R. (1986). *Identidade e etnia: construção da pessoa e resistência cultural*. São Paulo: Brasiliense.

Brito, M. & Costa, M. (2010). *Práticas e percepções docentes e suas relações com o prestígio e clima escolar das escolas públicas do Município do Rio de Janeiro*. Revista Brasileira de Educação, Campinas, v. 15, n. 45, p. 500-510.

- Candau, V. M. (2005) *Sociedade multicultural e educação: tensões e desafios*. In: Candau, Vera Maria (Org.). *Cultura(s) e educação: entre o crítico e o pós-crítico*. Rio de Janeiro.
- Cochito, I. (2004). *Educação Intercultural – O outro como ponto de partida*. In: *Educação e Direitos Humanos: actas/seminários “O Direito à Educação e a Educação dos Direitos”*. Lisboa: Conselho Nacional de Educação
- Correa, R. M.(2001). *Dificuldades no aprender: um outro modo de olhar*. Campinas: Mercado de Letras.
- Cuche, D. (1999). *A noção de cultura nas Ciências Sociais*. Bauru: EDUSC.
- Cunha, C. (1986). *Conservação e Inovação no Português do Brasil*. In: *O Eixo e a Roda: revista da literatura brasileira*. Belo Horizonte: Publicação do Departamento de Letras Vernáculas, Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, p. 199-232. 5v.
- Davis, C.; Silva, M. A. S. & Espósito, Y. (1989). *Papel e valor das interações sociais em sala de aula*. Caderno de Pesquisa, São Paulo, n.71, p. 49-54.
- Elias, N. (2000). *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Esteve. J. M. (2004). *A Terceira revolução educacional: a educação na sociedade do conhecimento*. São Paulo: Editora Moderna.
- Fachin, O. (2003). *Fundamentos de metodologia*. 4. ed. São Paulo: Saraiv.
- Freire, P. (2002). *Pedagogia da autonomia*. 22. ed. São Paulo: Paz e Terra.
- Florentino, M. & Machado, C. (2002). *Ensaio sobre a imigração portuguesa e os padrões de miscigenação no Brasil (séculos XIX e XX)*. Rio de Janeiro.
- Fonseca, F. I.; Duarte, I. M.; Figueiredo, O. (2001). *Linguística na formação do professor de português*. Porto: Universidade do Porto.
- Gil, A. C. (2011). *Didática do ensino superior*. São Paulo: Atlas.
- Goffman, E. (1988). *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.
- Gohn, M. G. (2002). *Educação Popular na América Latina no novo milênio: impactos do novo paradigma*. ETD- Educação Temática Digital. Campinas, v.4,n.1, p.53-77.

- Hall, S. (2000). *Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual*. In: Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Silva, Tomaz T. (org.), Hall, Stuart, Woodward, Kathryn. – Petrópolis, RJ: Vozes.
- Hall, S. (2005). *Identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu Silva: Editora DP&A. 7ª ed. São Paulo.
- Lopes, A. O. (2003). *Aula expositiva: superando o tradicional*. In: VEIGA, I. P. A. (org). Técnicas de ensino: por que não? Campinas: Papirus.
- Maldonado, M. T. (1997). *Comunicação entre pais e filhos: a linguagem do sentir*. São Paulo: Saraiva.
- Oliveira, F.; Ferreira I.; Barbosa J.; Cunha L. F. & Matos S. (2001). *O lugar da semântica nas gramáticas escolares: o caso do tempo e do aspecto*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Oriá, R. (1996). *O negro na historiografia didática: imagens, identidades e representações*. Textos de História, Brasília, DF, v. 4, n. 2.
- Oriá, R. (1997). *Educação, cidadania e diversidade cultural*. Revista Humanidades, Brasília, DF, n. 24.
- Peres, A. N. (1999). *Educação Intercultural: Utopia ou Realidade? Processos de pensamento dos professores face à diversidade cultural: integração das minorias migrantes na escola*. Porto: Editora Profedições.
- Roberts, I. & Kato M. A. (1993). *Português Brasileiro, Uma Viagem Diacrônica*. Ed. UNICAMP, Campinas, São Paulo.
- Ribeiro, D. (1995). *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Cia das Letras.
- Santos, L. C. P. (2003). *A contribuição de Bernstein para a sociologia da educação*. Cad. Pesqui. n.120, p. 11-13.
- Shulman, L. S. (1986). *Those who understand: knowledge growth in teaching*. Educational Researcher, v. 15, n. 2, p. 4-14.
- Shulman, L. S. (1987). *Knowledge and teaching: foundations of the new reform*. Harvard Educational Review, v. 57, n. 1, p. 1-27.

Silva, M.C.V. (2008). *Diversidade cultural na escola: encontro e desencontros*. Ed. Colibri, Lisboa.

Silveira, A. (2004). *Roteiro básico para apresentação e editoração de teses, dissertações e monografias*. 2. ed. Blumenau: Edifurb.

Soares, T. M. (2010). *A expectativa do professor e o desempenho dos alunos*. Psicologia: teoria e pesquisa, Brasília, v. 26, n. 1, p. 157- 170.

Soares, J. F. (2004). *O efeito da escola no desempenho cognitivo de seus alunos*. Revista Electrónica Iberoamericana sobre Calidad, Eficacia y Cambio en Educación (Reice), Madri, v. 2, n. 2.

Symanski, H. (2001). *A relação família/escola: desafios e perspectivas*. Brasília: Plano.

VELHO, G. (2004). *Projeto e Metamorfose*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

Vygotsky, L. S. (1984). *A formação social da mente*. São Paulo, Martins Fontes.

Waiselfisz, J. (2000a). *Qualidade e recursos humanos nas escolas*. Brasília: FUNDESCOLA/MEC.

ANEXOS

Anexo I - Questionário aplicado aos participantes

O DESEMPENHO ESCOLAR DE ESTUDANTES BRASILEIROS NO ENSINO SUPERIOR PÚBLICO PORTUGUÊS

O presente questionário tem como intuito ajudar no projeto de pesquisa para conclusão da dissertação do curso de Mestrado em Ciências da Educação que está sendo desenvolvido por Ariana Gregório Tiago, na Universidade Nova de Lisboa (FSCH) sob orientação da Prof.^a Doutora Maria do Carmo Vieira da Silva.

Neste âmbito solicito a colaboração de todos os estudantes brasileiros que estejam cursando algum curso superior em alguma universidade pública portuguesa.

Asseguro o anonimato de todos os dados aqui expostos e me coloco à disposição para qualquer dúvida através do e-mail: arianasgregorio@hotmail.com

Desde já, agradeço a colaboração de todos.

1. Qual seu sexo?

☐ Feminino

☐ Masculino

2. Qual sua idade?

☐ Abaixo de 20 anos

☐ Acima de 20 anos

☐ Acima de 30 anos

☐ Acima de 40 anos

3. É estudante da Universidade Nova de Lisboa?

- ☐ Sim
- ☐ Não

4. Qual grau acadêmico cursa no momento?

- ☐ Graduação (Licenciatura/Bacharelado)
- ☐ Pós-Graduação (Especialização)
- ☐ Mestrado
- ☐ Doutorado
- ☐ Outros

5. Por que escolheu um curso fora do Brasil?

6. Acha que seu relacionamento familiar influencia no seu desempenho escolar?

- ☐ Sim
- ☐ Não
- ☐ Talvez

7. Acha que a base de conhecimento que adquiriu no Brasil é suficiente para um bom desempenho nos seus estudos em Portugal?

- ☐ Sim
- ☐ Não
- ☐ Talvez

8. Tem um método de estudo específico?

- ☐ Sim
- ☐ Não
- ☐ Talvez

9. Se respondeu sim à pergunta anterior, acha que seu método de estudo influencia positivamente no seu desempenho escolar?

- ☐ Sim

☐ Não

☐ Talvez

10. Já reprovou em alguma disciplina aqui em Portugal?

☐ Sim

☐ Não

11. Já recorreu ao exame de recurso?

☐ Sim

☐ Não

12. Qual a sua média mais alta até o momento?

13. Qual a sua média mais baixa até o momento?

14. Tem um bom relacionamento com os professores?

☐ Sim, com todos

☐ Não

☐ Sim, com alguns

15. Em porcentagem, até quanto acha que seu relacionamento com os professores influencia no seu desempenho escolar?

☐ 25%

☐ 50%

☐ 75%

☐ 100%

16. Conseguiu se adaptar facilmente a sua atual universidade? Se sim, indique alguns motivos que ajudaram neste processo.

17. Acha que sua adaptação influenciou (ou está influenciando) no seu desempenho escolar?

- ☐ Sim
- ☐ Não
- ☐ Talvez

18. Tem um bom relacionamento com seus colegas universitários?

- ☐ Sim
- ☐ Com a maioria
- ☐ Não
- ☐ Com a minoria

19. Acha que as suas interações sociais com seus colegas de turma contribuem de alguma forma para seu desempenho?

- ☐ Sim, contribuem positivamente
- ☐ Não, não influenciam em nada
- ☐ Sim, influenciam negativamente

20. Em relação à linguagem, os professores aceitam sua escrita brasileira?

- ☐ Sim, a maioria
- ☐ Sim, todos
- ☐ A minoria
- ☐ Nenhum

21. Teve dificuldades em relação ao léxico do português de Portugal?

- ☐ Sim, um pouco
- ☐ Sim, muita
- ☐ Nenhuma

22. Acha que as diferenças lexicais que existem entre o português de Portugal e o português do Brasil influenciam no desempenho escolar de um estudante brasileiro em Portugal?

- ☐ Sim
- ☐ Não
- ☐ Talvez

23. Acha que as diferenças culturais entre os dois países influenciam no seu desempenho escolar?

- ☐ Sim
- ☐ Não
- ☐ Talvez

24. Existe algum outro fator que foi importante no seu desempenho escolar e não foi abordado nesse questionário? Se sim, por favor, conte-nos.

Anexo II – Exemplar de um questionário preenchido

O DESEMPENHO ESCOLAR DE ESTUDANTES BRASILEIROS NO ENSINO SUPERIOR PÚBLICO PORTUGUÊS

O presente questionário tem como intuito ajudar no projeto de pesquisa para conclusão da dissertação do curso de Mestrado em Ciências da Educação que está sendo desenvolvido por Ariana Gregório Tiago, na Universidade Nova de Lisboa (FSCH) sob orientação da Prof.^a Doutora Maria do Carmo Vieira da Silva.

Neste âmbito solicito a colaboração de todos os estudantes brasileiros que estejam cursando algum curso superior em alguma universidade pública portuguesa.

Asseguro o anonimato de todos os dados aqui expostos e me coloco à disposição para qualquer dúvida através do e-mail: arianasgregorio@hotmail.com

Desde já, agradeço a colaboração de todos.

1. Qual seu sexo?

☒ Feminino

☐ Masculino

2. Qual sua idade?

☐ Abaixo de 20 anos

☒ Acima de 20 anos

☐ Acima de 30 anos

☐ Acima de 40 anos

3. É estudante da Universidade Nova de Lisboa?

☒ Sim

☐ Não

4. Qual grau acadêmico cursa no momento?

- ☐ Graduação (Licenciatura/Bacharelado)
- ☐ Pós-Graduação (Especialização)
- ☒ Mestrado
- ☐ Doutorado
- ☐ Outros

5. Por que escolheu um curso fora do Brasil?

Para ter uma experiência internacional.

6. Acha que seu relacionamento familiar influencia no seu desempenho escolar?

- ☒ Sim
- ☐ Não
- ☐ Talvez

7. Acha que a base de conhecimento que adquiriu no Brasil é suficiente para um bom desempenho nos seus estudos em Portugal?

- ☒ Sim
- ☐ Não
- ☐ Talvez

8. Tem um método de estudo específico?

- ☒ Sim
- ☐ Não
- ☐ Talvez

9. Se respondeu sim à pergunta anterior, acha que seu método de estudo influencia positivamente no seu desempenho escolar?

- ☒ Sim
- ☐ Não
- ☐ Talvez

10. Já reprovou em alguma disciplina aqui em Portugal?

- ☐ Sim

☒ Não

11. Já recorreu ao exame de recurso?

☐ Sim

☒ Não

12. Qual a sua média mais alta até o momento?

18

13. Qual a sua média mais baixa até o momento?

16

14. Tem um bom relacionamento com os professores?

☐ Sim, com todos

☐ Não

☒ Sim, com alguns

15. Em porcentagem, até quanto acha que seu relacionamento com os professores influencia no seu desempenho escolar?

☒ 25%

☐ 50%

☐ 75%

☐ 100%

16. Conseguiu se adaptar facilmente a sua atual universidade? Se sim, indique alguns motivos que ajudaram neste processo.

Sim. Qualidade de ensino; ambiente universitário favorável; colegas estrangeiros; nível de conhecimento dos professores.

17. Acha que sua adaptação influenciou (ou está influenciando) no seu desempenho escolar?

☒ Sim

☐ Não

☐ Talvez

18. Tem um bom relacionamento com seus colegas universitários?

☐ Sim

☒ Com a maioria

☐ Não

☐ Com a minoria

19. Acha que as suas interações sociais com seus colegas de turma contribuem de alguma forma para seu desempenho?

☒ Sim, contribuem positivamente

☐ Não, não influenciam em nada

☐ Sim, influenciam negativamente

20. Em relação à linguagem, os professores aceitam sua escrita brasileira?

☒ Sim, a maioria

☐ Sim, todos

☐ A minoria

☐ Nenhum

21. Teve dificuldades em relação ao léxico do português de Portugal?

☒ Sim, um pouco

☐ Sim, muita

☐ Nenhuma

22. Acha que as diferenças lexicais que existem entre o português de Portugal e o português do Brasil influenciam no desempenho escolar de um estudante brasileiro em Portugal?

☒ Sim

☐ Não

☐ Talvez

23. Acha que as diferenças culturais entre os dois países influenciam no seu desempenho escolar?

☒ Sim

☐ Não

☐ Talvez

24. Existe algum outro fator que foi importante no seu desempenho escolar e não foi abordado nesse questionário? Se sim, por favor, conte-nos.

Sim. A adaptação na sociedade lisboeta como um todo e o tratamento direcionado aos brasileiros na cidade influenciam negativamente o desempenho escolar de estudantes brasileiros em Lisboa.

